

Racismo é combatido no Recife

O "Comitê Antiapartheid da África do Sul" foi lançado, ontem, no Recife, com o objetivo de divulgar as atrocidades cometidas pelo Governo racista daquele país e mobilizar a opinião pública para pressionar o Governo brasileiro a cortar relações diplomáticas e comerciais com os governistas brancos sul-africanos.

Com a coordenação do Movimento Negro Unificado, o Comitê conta com a participação de diversos partidos políticos, entidades negras, comunitárias, estudantis e sindicais, além de ter o apoio de pessoas interessadas na causa humanitária da defesa do povo negro, oprimido pelo preconceito de cor.

Com essa iniciativa, o Recife integra-se a outros nove Estados brasileiros onde os comitês semelhantes funcionam há mais tempo. O que deve ser encarado com naturalidade, pois o Brasil é o segundo maior país com população negra do mundo e não poderia deixar de ser solidário a um movimento de tais dimensões.

A luta dos Comitês Antiapartheid no Brasil não deve ser encarada apenas pela perspectiva humanitária, mas, também, como um passo importante no processo de conscientização política do negro brasileiro, procurando vencer os elos capitalistas que lhe reservaram, por antecedência, o lugar do oprimido.

O apartheid da África do Sul é o exemplo máximo não só da opressão racista, mas, também, da exploração de uma classe minoritária sobre outra de imensa maioria. A derrota do regime sul-africano, portanto, será a vitória de todos os países pobres do terceiro mundo, inclusive o Brasil.



Ívano e a Banda Rebeldia farão o show, quarta-feira, no Teatro do Parque, dentro do "Música para Todos"

Ívano Guerrilheiro no Teatro do Parque

O cantor e compositor Ivano continua agitando. Depois do sucesso alcançado no Frevança (eliminatória de João Pessoa), onde defendeu com brilhantismo um maracatu não classificado, o artista anuncia a realização do show intitulado "Ívano, guerrilheiro musical", ao lado da Banda Rebeldia, formada por Wallace Patriarca (bateria), Isaias Amorim (baixo), Hernando Júnior (violão base), Ony (guitarra solo), Marcos (teclados), Marron (sax), Valdinho (tumbadoras), Valmar (trumpete e arranjos para os metais) e João do Black (efeitos especiais).

"Ívano, guerrilheiro musical" é mais uma oportunidade do cantor/compositor Ivano erguer sua bandeira musical com a abordagem de temas ousados, que falam do preconceito racial, da falta de liberdade de expressão. O show contará com a participação especial de Walter dos Afogados e a seguinte ficha téc-

nica: figurino - Vanja Clêre; assistente de produção - Marcelo da Favela; direção musical - Ivano Nascimento; cenário - Zito.

"Sinto-me fiel por minha música retratar o Recife e, também, a época em que vivo. Testemunha a minha perseverança em ficar desenvolvendo um trabalho altamente baseado nos ritmos do Nordeste, como a ciranda e o maracatu, sem fugir da minha profunda dedicação e identificação para com o "reggae". Por minha audácia, meu swuing, meu ritmo e minha coragem de falar, sinto-me um guerrilheiro musical, daí o título deste show", diz Ivano.

O programa "Música para todos", da Fundação de Cultura Cidade do Recife, vem dando oportunidade aos jovens valores da terra para mostrar seu talento e seu trabalho todas as quartas-feiras, no Teatro do Parque no horário das seis e meia.

Cultura negra

A crise alarmante do nosso sistema pedagógico, a quase falência de suas instituições docentes, comprovadas - no nível médio - pelo desperpício do adolescente e - no nível superior - pela agonia da Universidade, incapacitada de cumprir o seu papel, no ensino e na pesquisa, pela carência de recursos e a fuga de valores, fatalmente teria de levar a questionamentos vitais. Um deles, a rediscussão dos currículos.

Enfoquemos, apenas, um dos casos, ora nas páginas dos jornais, sobretudo, pela extraordinária repercussão que terá no arcabouço global do sistema: a reforma do ensino de História.

Ninguém terá dito com tanta concisão e propriedade a real significação dos estudos históricos do que Johan Huizinga: "Porque de todas as ciências - a História - é a que se aproxima mais da vida; porque suas perguntas e respostas são as da vida mesma para o indivíduo e a sociedade. É a relação com a vida o que lhe dá seu grande valor para a vida".

Entre outras coisas, se pretende introduzir no ensino do 1º e 2º Graus uma disciplina de **Cultura negra**. Nada a objetar, entretanto, muito a ponderar. Somos um povo afro-indianizado. Nossas raízes coloniais estão mergulhadas na África e na floresta americana, vêm das senzalas e das tabas. Constitui uma mutilação intolerável esquecer os percentuais negros do nosso sangue, a presença mágica das mitologias afros na tessi-

tura de nossos sonhos. Neste sentido, os estudos africanológicos serão da melhor oportunidade e resgatá-los é, decerto, redimir nossa História de uma distorção imperdoável.

Agora, se a proposta vem envenenada com apriorismos políticos e a importação de conflitos - que não são nossos - vale a pena apurar e remediar. Somos afro-indianizados, mas sem esquecer que, profundamente, somos também ocidentalizados. Querer pensar o Brasil e, de resto, toda a América, sem a marca da Europa é uma estupidez científica, uma deformação cultural, a negação mesma da nossa realidade estrutural.

Sabemos que a obra de redenção do escravo não se concluiu. A grande voz de Nabuco se perdeu no vácuo. O negro saiu das senzalas e do eito para a degradação dos mocambos e favelas, jogado na periferia das grandes cidades como lixo humano. Deram-lhe a liberdade no papel, não lhe deram a segurança da educação que os preparasse para ela. Os preconceitos não morreram a 13 de maio. Na década de trinta, o primeiro Congresso de estudos africanos, no Brasil, realizado em nosso Estado, foi tratado pelas autoridades como coisa de extremistas... Ainda, assim, o Brasil nunca foi os Estados Unidos e não é, absolutamente, uma África do Sul. Há que se fazer a nossa História dentro de sua ampla vocação humanística, confluência de vertentes múltiplas, um caminho para a integração e fraternidade, jamais para o conflito e o ódio.